

## **(RE)VIVENDO O CINQUENTENÁRIO DO IBGE: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES**

Nadya Maria Deps Miguel  
IBGE

Rejane Rosa do Amaral  
UERJ

A decisão de investigar a Exposição do Cinquentenário do IBGE está fundada na importância das ações gestadas por ocasião da celebração daquele evento e, mais ainda, na relevância das representações sociais geradoras e do uso que se fez delas para além do tempo e do espaço expositivo institucional.

Busca-se no ideário de Gramsci (1991)<sup>1</sup> a compreensão de cultura como um *lugar de síntese* entre as manifestações de contradições e antagonismos que permeiam a vida social e, certamente um *lugar de consenso* que diz respeito à liderança ideológica conquistada entre a maioria da sociedade, formada por um conjunto de valores morais e regras de comportamento. Nesse sentido, as reflexões sobre memória e representações sociais focadas na celebração do cinquentenário do IBGE permitem que se proceda à valoração da cultura - na visão gramsciana associada à política como elemento de transformação da sociedade e de sua conservação. Nos dizeres de Coutinho (1999)<sup>2</sup>, confirma-se que “em Gramsci a hegemonia não é apenas direção política, mas também cultural, isto é, obtenção de consenso para um universo de valores, de normas morais, de regras de conduta”.

Com efeito, a Exposição do Cinquentenário significou a associação entre política e cultura, aquela expressa pela instituição ibgeana, onde organizadores e dirigentes agregam sobre si a responsabilidade pelos planos de ação, e esta, determinando os valores a serem alcançados em função de interesses comuns.

Sabe-se que a história será sempre uma representação do passado, a reconstrução sempre imprecisa e incompleta do que não existe mais. A memória, por sua vez, sendo um fenômeno continuamente atual, é um elo vivido de lembranças vagas que parte do presente para reestruturar o passado, uma memória de valoração de um grupo, comunidade e/ou

sociedade. De certa forma, subsiste a possibilidade de recriar nesse presente volátil e acelerado novos lugares de memória para reviver e evocar o passado.

Em *Representações individuais e representações coletivas*, Durkheim (1970)<sup>3</sup> defendeu o caráter simbólico da memória individual como traço de um complexo social mais amplo, conceito que perdurou durante longo tempo. Uma nova visão surge, entretanto, com Halbwachs (1990)<sup>4</sup>, ao demonstrar a institucionalização social da memória, vista como construtora da identidade cultural do grupo, onde um indivíduo só se lembra do seu passado à medida que se coloca sob o ponto de vista de uma ou mais correntes do pensamento coletivo. Mais ainda, Halbwachs enfatiza que tudo o que se lembra do passado faz parte das construções sociais que são realizadas no presente e a Memória Coletiva detém somente o que ainda é vivo na consciência do grupo.

Moraes e Santos (2000, p.102)<sup>5</sup> asseguram que a memória certamente envolve uma forma de expressão “própria dos membros de um coletivo que administra, produz, organiza e atribui sentido às expressões e relações que na história mobilizam grupos sociais”. Sendo assim, a memória deve ser vista como uma “expressão partilhada de um modo de compreender e se relacionar no mundo. Portanto, trata-se também de um campo de lutas simbólicas. Dito de outra forma, os campos sociais são múltiplos e desconcentrados, e não podem ser submetidos a uma lógica social única e totalitária, pois na cultura, nas instituições e projetos sociais nem sempre as memórias coexistem de maneira pacífica e/ou conflituosa, constituindo-se uma produção discursiva e simbólica para afirmação de identidades que contribuem para a construção de representações por parte de um determinado grupo ou sociedade.

O conceito sobre representação tem sido (re)elaborado através do pensamento de diversos teóricos, recebendo ao longo do tempo diferentes significados: quer seja entendida como representação coletiva (Durkheim), quer seja vista como representação social (Moscovici)<sup>6</sup>, permanecem interpretações conceituais em que a construção da Representação Social implica necessariamente a reconstrução do “real” e o modo de apreendê-lo o mais fielmente possível por meio de sistemas de significação (Silva), e que remetem para a questão

essencial que é saber se as representações produzem sentidos e quais os efeitos da prática sobre os sujeitos.

Ainda, recorrendo ao pensamento de Silva (2000, p. 91)<sup>7</sup>, dele se pode concluir que a representação, como qualquer sistema de significação, é uma forma de atribuição de sentido socialmente construído, e como tal, mantém estreita ligação com os sistemas de poder. Desta forma, tomando como referência a celebração do cinquentenário do IBGE entendido como um campo social em que indivíduos participam de práticas coletivas totalizadoras e de múltiplas determinações, propõe-se identificar o sentido das representações sociais ali existentes, certamente impregnadas de significações e que se pretende sejam desnudadas nesta breve análise.

### **CINQUENTENÁRIO DO IBGE**

A Exposição do Cinquentenário da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE -, realizada no Palácio Gustavo Capanema entre 17 e 21 de junho de 1986, constituiu-se um exemplo de celebração, evento que aprofundou a discussão de idéias e pesquisas acerca do passado da Instituição, e colocou em questão a necessidade de introduzir práticas para preservar a memória do órgão.

O Projeto Memória do IBGE corporificou-se através da Resolução nº 59, de 30 de Outubro de 1985, ato administrativo em que as idéias iniciais apresentam-se organizadas legalmente, adquirindo caráter próprio para a sua sedimentação. Institucionalizado o Projeto cujo objetivo precípua seria documentar a evolução histórica do IBGE, sua coordenação esteve a cargo da Biblioteca Central do órgão, concretizando-se a intenção primeira de se implantar uma política que preservasse a memória da Instituição e sua trajetória na sociedade brasileira.

O desenvolvimento do Projeto Memória do IBGE comprovou ser sua criação um marco, em que memória e história se entrecruzam. Partindo do presente para reestruturar o passado, os inúmeros desdobramentos do projeto possibilitaram a concretização da exposição comemorativa do cinquentenário intitulada ***IBGE: 50 anos produzindo informação (1936-1986)***. Visava o evento mostrar ao público o desenvolvimento da Instituição e

simultaneamente apresentar ao público os processos utilizados, os produtos elaborados e a participação dos funcionários em cada uma das fases daquela evolução, inseridos nos fatos da história do país do período considerado.

É fato que na Nova República - governo José Sarney -, os funcionários do IBGE viviam a expectativa sobre quem seria o novo presidente da Instituição. Quem quer que fosse indicado, anteriormente havia sido firmado por todos o compromisso que seria assegurada a transparência da nova gestão.

Edmar Lisboa Bacha, nomeado naquele novo momento político nacional presidente do IBGE em 10.05.1985, todavia permaneceria no cargo como dirigente somente até 27.11.1986, período relativamente curto, mais suficiente para consignar sua vinculação em definitivo com o órgão que presidiu: sua gestão coincide com a celebração do cinquentenário do IBGE. Sua primeira providência, um dia após a posse, foi abrir as dependências do IBGE ao público e à Imprensa - diálogo que se tornaria constante, sinalizando o novo modelo de administração pensado pelo presidente.

[...] Faço questão de garantir que a nossa gestão jamais deixará de fazer tudo que estiver ao seu alcance para o aprimoramento das condições de trabalho e vida dos funcionários do IBGE. [...] As negociações nem sempre foram amenas. [...] ao assumir a presidência do IBGE, vi se apresentarem duas opções à minha escolha: a primeira seria manter com algumas alterações superficiais as estruturas existentes e [...] o segundo caminho exigia um esforço de transformação do órgão em uma Instituição moderna, ágil, eficiente, transparente, apta a responder os desafios deste final de século e a situar o IBGE na altura do horizonte 2000.<sup>8</sup>

Em 17 de junho de 1986, o então presidente abriu oficialmente a exposição *IBGE: 50 anos produzindo informação*, evento comemorativo do cinquentenário e do lançamento do Projeto Memória do IBGE, em cerimônia publicada em jornais de grande circulação no país, conforme registro abaixo:

### MOSTRA COMEMORA 50 ANOS DO IBGE

Para comemorar 50 anos de atividade e como lançamento oficial de seu Projeto Memória, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE [...] Em discurso de inauguração, o presidente do IBGE, Edmar Bacha, disse aos quase cem convidados [...] que “a cada passo da evolução do IBGE, mostramos um pouco da história do País”.<sup>9</sup>

A organização do evento compreendeu inúmeros passos: a decisão primeira elegeu o espaço do mezanino do Palácio Gustavo Capanema (ex-Palácio da Cultura do Ministério de Educação e Cultura - MEC) como local da exposição, cabendo observar que sua escolha deveu-se ao fato de Mario Augusto Teixeira de Freitas ter sido ocupante do cargo de Diretor do Serviço de Estatística do Ministério da Educação e Saúde, formentador de iniciativas essenciais para a criação do IBGE.

Para o estabelecimento do roteiro do evento, vários documentos existentes sobre a instituição serviram de base para as decisões, bem como referência para a pesquisa bibliográfica que resultou em *Publicações editadas pelo IBGE: monografias*. Os itens arrolados nesta publicação foram ordenados por data de edição, na expectativa de que os trabalhos editados pelo órgão retratariam as diretrizes adotadas em cada administração. Em seguida, realizou-se levantamento de fatos da história do país, do século XIX até aquela data, relacionando história, memória e documento.

A pesquisa documental sobre a evolução histórica da instituição mostrou sete grandes fases: antecedentes históricos; período de formação (1934 e 1939); período de consolidação (1940-1949); década de 50; período de 1960 a 1966; primeira fase da Fundação (1967-1972); e a segunda fase da Fundação (1973-1986). Na exposição, essas etapas encontram-se registradas através de fotos em preto e branco e textos considerados indispensáveis à compreensão dos temas relevantes.

Além dos módulos históricos, compostos de painéis fotográficos e textos elucidativos dos acontecimentos retratados, as atividades específicas do evento foram representadas por

publicações, instrumentos de trabalho e outros objetos, dispostos em vitrines e outros locais da exposição. Objetos representativos dos diferentes setores do IBGE foram também expostos, cedidos pelas respectivas unidades tais como cartografia, informática etc., além de algumas publicações do acervo de obras raras da Biblioteca Central. A apresentação desse conjunto de peças que compõem a diversidade do acervo da Instituição ofereceu oportunidade de se mostrar a amplitude dos produtos desenvolvidos no presente e aqueles que se acumularam ao longo do tempo.

A Associação dos Servidores do IBGE se fez representar na mostra apresentando os desenhos de Percy Lau, servidor do órgão e ilustrador dos tipos e aspectos do Brasil nas inúmeras publicações da Instituição. Fez parte ainda do evento a sonorização do ambiente, constando de uma audição contínua da música *O Recenseamento*, de Assis Valente, na voz de Carmem Miranda, samba utilizado como propaganda do Censo Demográfico de 1940. A seleção do fundo musical reforça o caráter de brasilidade presente na mostra, haja vista estar a Instituição voltada para retratar o país e, de certa forma, ficou ali consignada a intenção de evocar a memória dos censos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A atribuição de sentidos que se procurou dar à Celebração ao longo da análise aponta uma multiplicidade de significados que extrapolam a simples proposta desta investigação. Todavia, indicativos outros corroboram para a prevalência de valores, uns já existentes, outros que vão sendo incorporados, já agora sob a influência do Projeto Memória Institucional, ganhando força à medida que se distanciam no tempo. O espaço físico em que transcorreu a Exposição comporta outros espaços simbólicos, excedendo a expectativa inicial e motivos que deram origem à sua criação.

O espaço público institucional onde se realizou esse momento significativo e fundador do Projeto Memória oferecido pela Exposição do Cinquentenário, abriu campo único de negociações para (re)elaborações de novas concepções e, de certa maneira, mostrou o *locus* de atribuição de sentidos que emanam das Representações Sociais ali constituídas. A expressão *(re)construir a memória* não só se incorporou ao cotidiano da instituição como

também, corporificou-se com a criação de um ambiente específico em que ideais já estabelecidos e idéias novas se voltaram para preservar e disseminar a história da comunidade ibgeana.

A importância das Representações Sociais expressas pelos acontecimentos que marcaram as comemorações do cinquentenário possibilitaram observações: todo o IBGE esteve profundamente envolvido no processo de planejamento e montagem da Exposição do Cinquentenário; permitiu prosseguir com o Projeto Memória com o intuito de reunir documentos dispersos para a formação da memória institucional; divulgou a cultura e o pensamento geocientífico da Instituição, reafirmando a idéia desde há muito presente de se fazer conhecer o Brasil; marcou uma nova fase de transformações na cultura política do órgão, acompanhando as renovações transcorridas na própria sociedade; e ofereceu oportunidade de evocar os vultos do passado recente, pioneiros que contribuíram para a formação do ideário ibgeano.

Finalmente, o que restou daquele momento histórico em que se transformou a Exposição? Certamente seu propósito primordial foi alcançado, posto que as suas práticas frutificaram e permanecem inscritas na memória social da comunidade ibgeana hoje. Do evento, pode-se dizer que o passado, (re)vivido na memória, possibilita melhor compreender o presente e lançar um novo olhar para o futuro.

---

<sup>1</sup> GRAMSCI, Antonio. *Cartas do cárcere*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 28.

<sup>2</sup> COUTINHO, Nelson. O pensador hegemônico. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 nov. 1999. Disponível em: <http://www.artnet.com.br/grmsci/arquiv114.htm>. Acesso em: 3 jan. 2004.

<sup>3</sup> DURKHEIM, Emile. Representações individuais e representações coletivas. In: *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro: Forense, 1970. p. 13-42.

<sup>4</sup> HALBHWACS, M. *Memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais. 1990.

<sup>5</sup> MORAES, Nilson Alves; SANTOS, Ricardo Augusto dos. A construção da identidade nacional a educação higiênica nos anos 20. In: LEMOS, Maria Teresa T. B.; MORAES, N. A (orgs.). *Memória, identidade e representações*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 99-107.

<sup>6</sup> MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

<sup>7</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.73-102.

<sup>8</sup> O IBGE no horizonte 2000. *NOVA IMAGEM: Revista Interna do IBGE*. Rio de Janeiro: IBGE, nº 5, p. 13, 1986.

<sup>9</sup> MOSTRA comemora 50 anos do IBGE. *ÚLTIMA HORA*, São Paulo, p. 3, 18.jun.1986.